

Mia Couto e a educação de crianças pequenas: alteridade, arte e infância

Mia Couto and young children's education: Alterity, art and childhood

Maria Carmen Silveira Barbosa¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre-RS, Brasil

Sandra Regina Simonis Richter²

Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz do Sul-RS, Brasil

Resumo

Este ensaio apresenta uma proposta de interlocução entre o percurso de nossos estudos no campo da educação da infância e a obra de Mia Couto. Para tanto, detemo-nos na questão da alteridade a partir dos temas espaço, tempo, infâncias, arte e ciência. A alteridade é, para Mia Couto, a magia de sermos nós, sendo outros, concepção que reafirma o pensamento africano na qual cada um é porque é todos os outros. Esses “outros” não se referem apenas a pessoas, mas também aos lugares que habitam, à escuta de seus processos sociais, suas tradições, enfim as vidas que neles são vividas. As reflexões de Mia Couto permitem romper com hábitos instituídos de pensar a educação das infâncias ao favorecerem a resistência ao modo hegemônico de conceber e realizar a educação de crianças pequenas a partir de uma única forma escolar de promover experiências de infância na contemporaneidade.

Palavras-chave: Educação infantil, Narrativa, Infância, Arte e ciência.

1 Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e do Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa: Estudos sobre as Infâncias. *E-mail:* licabarbosa@uol.com.br.

2 Professora Adjunta do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação da UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul, líder do grupo de pesquisa LinCE-UNISC e participante do grupo Estudos Poéticos da UNISC. *E-mail:* srichter@unisc.br.

Abstract

The essay presents the proposal of an interlocution between the course of our studies in the field of early childhood education and Mia Couto's work. We address the matter of alterity from themes such as space, time, childhoods, art and science. Mia Couto defines alterity as the magic of being us, being others, a conception that reaffirms the African thinking according to which each person is because we are everybody else. Here, "others" do not refer only to people, but also to the places they inhabit, the listening to their social processes, their traditions, in summary, the lives they live. Mia Couto's reflections lead us to part with instituted habits of thinking the education of childhood by favoring the resistance to the hegemonic way of conceiving and conducting the education of small children from one single way of promoting childhood experiences.

Keywords: Early childhood education, Narrative, Childhood, Art and science.

Para Patrícia, com carinho.³

O único segredo, a única sabedoria é sermos verdadeiros, não termos medo de partilhar publicamente as nossas fragilidades.

Mia Couto

Este ensaio apresenta uma proposta de interlocução entre o percurso de nossos estudos no campo da educação da infância e a obra de Mia Couto. O interesse em desencadearmos essa conversa é aproximar concepções de oralidade, narrativa, espaço e tempo, arte e ciência destacadas dos textos do escritor moçambicano aos discursos sobre a educação dos bebês e das crianças pequenas nas

3 Este texto foi concluído e apresentado na semana em que a ciclista e aluna do curso de Pedagogia da UFRGS Patrícia Silva Figueiredo foi assassinada pelo violento trânsito da cidade de Porto Alegre. A lembrança de sua bela, intensa e curta vida ficará, para sempre, como presença, nos corações de seus professores e colegas que com ela conviveram.

escolas e centros de educação infantil. Sua obra promove abertura para uma reflexão educacional que permite resistir ao modo hegemônico de conceber e realizar a educação de crianças pequenas a partir de uma única forma escolar de promover experiências de infância na contemporaneidade. Nesse sentido, perseguimos outras perspectivas para pensar a educação das crianças pequenas, procurando repertórios que permitam evidenciar a relevância de compor ou oferecer experiências primeiras de infância a partir de uma pedagogia que enfrente as ambiguidades do humano e não apenas prévias vivências de instrução.

Na contemporaneidade, a educação escolar enfrenta o impasse da exigência de responder quantitativamente à sociedade nos aspectos materiais de seus conteúdos padronizados e objetivos planejados a partir de escores. Porém, concordamos com Mia Couto: “[...] um dos problemas do nosso tempo é que perdemos a capacidade de fazermos as perguntas que são importantes. A escola nos ensinou apenas a dar respostas, a vida nos aconselha a que fiquemos quietos e calados” (COUTO, 2011, p. 84). Por isso, para o autor, “[...] um futuro civilizado passa por grandes e radicais mudanças neste mundo que poderia ser mais nosso” (COUTO, 2011, p. 24). Para tanto, em Mia Couto, não basta enfrentar a questão material da fome, da guerra e da miséria, é preciso também enfrentar a imaterialidade do mundo, isto é, a materialidade dos sonhos. Trata-se de pensar que “[...] a mente, bem como a terra, teria de ser descolonizada” (JANZ, 2008, p. 108). Considerar, com Mia Couto, a relevância educacional dos sentidos visíveis e invisíveis, aprender a pensar e a sonhar, habitar o mundo com imaginação e razão, permite propor outros modos de educar as crianças em contextos coletivos.

Nossa expectativa, ao tecermos essa conversa com os textos de Mia Couto, é favorecer a emergência de outras interrogações capazes de forjarem rupturas em sua potência poética de produzir

brechas, rachaduras, fendas, nos discursos constituídos a partir dos modos institucionalizados de pensar como educar bebês e crianças pequenas em tempos e espaços de vida coletivos na creche e na pré-escola. Talvez, perseguir relatos e narrativas que nos reencantem pelo mistério do humano possa contribuir para não esquecermos nossa humana condição de contadores de histórias, artesãos, cantadores, enfim, inventores de linguagens.

Nessa intenção, o texto toma como subsídio para reflexão o romance *Um rio chamado tempo, Uma casa chamada terra* (2003), os livros de contos *O fio das miçangas* (2009), *Estórias Abensonhadas* (2012), *Cada homem é uma raça* (2013a), *Vozes Anotecidas* (2013b), *A menina sem palavra* (2013c) e os livros de ensaios *Pensatempos: textos de opinião* (2005) e *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções* (2011). A partir das histórias e das argutas análises de seus ensaios, ou como ele denomina, de seus textos de opinião, procuramos formular um discurso em torno da educação das crianças pequenas que permita resistir à tendência contemporânea de um pensamento pedagógico fortemente instalado nos sistemas de classificação e hierarquização que

(...) criam mecanismos de subalternização, que se fundamentam em uma lógica binária que coloca em lados opostos adultos e crianças, brancos e negros, homens e mulheres, e contribuem para a construção, desde o nascimento, da desigualdade, ajudando, assim, a manter a norma estabelecida. Esta é, por si só, mais uma razão para afirmar a necessidade de desvelá-las. (FARIA; MACEDO; SANTOS, 2013a, p. 53)

Como afirma Mia Couto (2005, p. 11), “[...] o colonialismo não morreu com as independências. Mudou de turno e de executores”, a opressão permanece e se expressa tanto pela distribuição desigual da riqueza e pelo controle geopolítico do conhecimento quanto pela hegemonia de determinados modos de sentir e

pensar, isto é pela constituição das sensibilidades. O enfrentamento a tal situação passa, por um lado, por superar concretamente as desigualdades e estabelecer a justiça social e, por outro, por acolher as alteridades no encontro de distintos modos de coexistir com as diferentes temporalidades que tecem a existência comum.

Nessa compreensão, iniciamos apresentando o autor e, a partir da leitura de seus textos, recolhemos constelações de imagens e ideias para compor um pensamento educacional que integra o poético, o científico e o político. Para tanto, nos detemos na reflexão dos temas espaço, tempo, infâncias, arte e ciência para propor a discussão da alteridade como “[...] a magia de sermos nós, sendo outros” (COUTO, 2005, p. 10).

Mia Couto: tecendo bio/grafias

Mia Couto é um escritor contemporâneo, africano e branco. É cientista, biólogo e também poeta, jornalista, escritor e contador de histórias.

Sou escritor e cientista. Vejo as duas atividades, a escrita e a ciência, como sendo vizinhas e complementares. A ciência vive da inquietação, do desejo de conhecer para além dos limites. A escrita é uma falsa quietude, a capacidade de sentir sem limites. Ambas resultam da recusa das fronteiras, ambas são um passo sonhado para lá do horizonte. (COUTO, 2005, p. 45)

Ao narrar seu país, seu continente, Mia nos mostra o povo e a vida de uma parte da África acossada, ao longo dos anos, por distintos modos de colonização. As imagens construídas pelo autor para falar de Moçambique nos possibilitam encontrar e pensar a nossa própria história, nossa cultura brasileira, nossa língua

portuguesa (RICHTER, BARBOSA, 2013). Por refletirem o mundo em que vivemos e apontarem para questões fundamentais da vida em comum, seus textos nos oferecem caminhos para pensar as crianças e a educação que a elas podemos favorecer no sentido de intensificar uma ideia de infância. Uma ideia que não é a do ideal romântico, muito menos a redentora de nossos problemas, mas uma infância concebida como alteridade do adulto, questionadora do mundo, que participa de modo próprio do “[...]” ideal africano tradicional do *ubuntu* – comunidade e a responsabilidade mútua” (BOEHMER, 2013, p. 39). Em vários momentos, lemos nos textos de Mia Couto que aprendemos de nós através dos outros, daqueles com os quais compartilhamos a alteridade de ser e estar no mesmo mundo.

Mia Couto destaca ainda “[...]” que aprendeu a dizer, falar, escrever a África lendo autores brasileiros, especialmente Jorge Amado, João Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, assim como escutando as canções da música popular brasileira” (RICHTER; BARBOSA, 2013, p. 32). Inspirou-se em Guimarães Rosa por ser um contador de histórias que nos apaixonamos não apenas pelo seu poder de criar palavras ou fazer nascimentos, como diz Manoel de Barros, mas por ser um poeta que reinventa a prosa. Guimarães Rosa é, para Mia Couto (2005, p. 108), um mestre, “[...]” um ensinador de ignorâncias” que nos encanta pela “[...]” linguagem criadora de desordem, capaz de converter a língua num estado de caos inicial”, aquela que “[...]” suporta um transtorno que é fundamental porque fundador de um reinício”. De nascimentos, portanto. Por isso, ele escreve que a “[...]” história de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens” (COUTO, 2013c, p. 41). Porém, “[...]” todos nós temos que encontrar uma língua própria que nos revele como seres únicos e irrepetíveis” (COUTO, 2011, p. 23).

Os escritores africanos, para Mia Couto, estão tentando se libertar de décadas de exigência de uma “africanidade” como verdadeira etnicidade que, muitas vezes, revela processos de essencialização e folclorização produzidos e inventados fora do continente (COUTO, 2011, p. 22). Apesar de muitos escritores africanos enfrentarem as problemáticas específicas do lugar africano, sua opção não é pela ideia de uma África como “lugar único, singular e homogêneo. Há tantas Áfricas quanto escritores, e todos eles estão reinventando continentes dentro de si mesmos” (COUTO, 2011, p. 22). Para o autor, o continente africano “[...] é feito de profundas diversidades e de complexas mestiçagens, longas e irreversíveis misturas de culturas moldaram um mosaico de diferenças” (COUTO, 2005, p. 19).

Em seus ensaios e suas histórias, o cientista e escritor nos apresenta uma obra de reflexão crítica marcada pela oralidade e pelo poder transgressor da linguagem poética. Sua militância política é inseparável de sua obra de ficção ao expor poeticamente, em forma de coletâneas de crônicas, ensaios e versões escritas de suas conferências, uma profunda compreensão da experiência contemporânea da infância e do sentimento de esperança em criar um futuro. Uma espera que nega a tentação do desalento diante da orfandade de um país que viveu por anos em guerra, da realidade das crianças submetidas aos “resquícios da luta pela independência, simbolizados pelas minas, que continuam ativas e matando os ‘miúdos’ que brincam no areal” (COUTO, 2013c, p. 7). Para o prosador, a esperança não é “a última a morrer”, antes ela “é morta”, assassinada. “O tempo da espera não morre por si mesmo, mas por um lento e silencioso processo de aniquilação, mas por um assassinio que” “[...] faz esmorecer os corações, envelhecer os olhos dos meninos e nos ensina a perder crença no futuro” (COUTO, 2011, p. 8).

Espaços: a África e a casa

*No princípio a casa foi sagrada isto é,
habitada não só por homens e vivos
como também por mortos e deuses.*

Sophia de Mello Breyner⁴

Mia Couto é um autor que escolheu, após a revolução de abril, ser moçambicano, não português. Essa escolha o define como africano. Mas ser africano não é uma substância ou uma essência, mas um processo histórico (COUTO, 2005, p. 22). Um continente, um país, uma cidade, não são lugares que possamos apenas nomear ou conceituar sem habitá-los, antes são “[...] a moldura de uma vida”. Uma “[...] moldura à procura de retrato, é isso que eu vejo quando revisito meu lugar de nascimento. Não são ruas, não são casas. O que revejo é um tempo, o que escuto é a fala desse tempo” (COUTO, 2005, p. 145). Uma escuta que, diante da impossibilidade de negar a cultura europeia imposta pela colonização portuguesa, busca esteticamente recriar as tradições moçambicanas como estratégia política de transgredir o colonizador e, através da linguagem poética, reinventar um destino.

No ensaio denominado *Águas do meu princípio*, do livro *Pensatempos* (2005), Mia Couto vincula a casa à cidade, à infância e à escrita poética, ao afirmar “[...] a cidade, a minha casa, a minha família: esses foram os aconchegos em que a poesia em mim nasceu” (COUTO, 2005, p. 151). A relação explícita entre a vida *vivida* e a vida *sonhada* - na casa, na geografia das ruas - nos evidencia, no texto do autor, a importância da ação, tão característica na infância, de transitar sem medo entre o real e o ficcional. Apesar de

4 Esta citação da poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen foi selecionada pelo autor como epígrafe do livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003).

realidade e ficção configurarem oposições que demarcam no pensamento ocidental rígidas fronteiras entre o inteligível e o sensível, ambas habitam as palavras em seu poder de não apenas nomear e comunicar, mas também de inventar e produzir encantamento (COUTO, 2011), coexistindo e confabulando continuamente. Por isso, para o escritor, “[...] a minha cidade se converteu no meu primeiro livro, com ela aprendi o prazer de criar raízes que fossem, ao mesmo tempo, asas de fantasia” (COUTO, 2005, p. 146-7).

No mapa de sua cidade Beira, “[...] a segunda maior cidade de Moçambique, (...) se instalou o cimento, o ferro, o asfalto, as vestes próprias de um espaço urbano” (COUTO, 2005, p. 145), porém da concretude da cidade nascente o que ficou para o autor em suas memórias de infância são as lembranças de uma cidade-casa-natureza.

A nossa casa ficava na margem de uma extensa praia. (...) Recordo fantasmas de minha meninice para mostrar como a minha cidade nunca se libertou do mar, como se manteve comandada por uma delicada harmonia entre a Natureza e o Homem. Agora, em meu sono, já não há paisagem sem mar. (...) O passado é um litoral onde tudo se converte em espuma. E a minha cidade é feita de maresia e espuma. (COUTO, 2005, p. 149)

A cidade de Beira ensinou a Mia Couto que um “[...] país tem países diversos dentro, profundamente repartido entre universos culturais e sociais variados” (COUTO, 2005, p. 150). Ensinou também que as cercas nas casas, apesar de procurarem separar-se do mundo externo, pouco sucesso obtêm. “[...] Recordo as casas coloniais, marginadas por varandas a toda volta, oferecendo pouca defesa contra o continente em redor.” (COUTO, 2005, p. 147). Nessas cidades e casas se ouviam muitas línguas, pois Moçambique tem entre 20 e 30 línguas originárias. A tradição de multiplicidade de línguas e experiência oral do país possibilitou ao

autor *falinventar* o português⁵, um português *poliglota*, pleno de oralidade que, para Mia Couto (2011, p. 23), constitui “[...] um território universal, um tesouro rico de lógicas e sensibilidades que são resgatadas pela poesia”.

Para o autor, a oralidade é onde habitamos na infância; é a nossa primeira pátria. O que se escreve é, sempre, resultado da escuta na infância. Em mais de um texto, Mia Couto escreve para falar da casa, da família e do lugar que as mulheres ocuparam em sua vida de criança cozinhando, tecendo redes, catando lenhas e conversando, e que essas palavras permanecem em sua vida adulta transmitindo segredos, revelações, imagens de outros mundos. Em entrevista ao programa Roda Viva⁶, Mia Couto afirma: “[...] eu venho de vozes, pois enquanto estava sentado na cozinha ouvia, permanentemente, os murmúrios das mulheres que contavam histórias e isto me fez poeta, eu apenas devolvo esta condição”. Ao perguntar a si mesmo porque escreve, o autor responde que é para se familiarizar com os deuses que não tem, pois seus mortos estão enterrados em outro lugar distante, em Portugal. Assim, “[...] as duas partes de mim [africano e europeu] exigiam um médium, um tradutor. A poesia veio em meu socorro para criar essa ponte entre dois mundos” (COUTO, 2005, p. 151). Por isso, o único conselho que oferece é “[...] escutar. Tornarmo-nos atentos a vozes que fomos encorajados a deixar de ouvir. Tornemos essas vozes visíveis. E mantenhamos viva essa capacidade que já tivemos na nossa infância de nos deslumbrarmos” (COUTO, 2005, p. 48). Do ponto de vista do escritor, as coisas simples e o mais comum dos personagens podem “suscitar histórias e nos revelar facetas de nossa própria humanidade” (COUTO, 2005, p. 48).

5 Mia Couto refere em entrevistas a importância de Guimarães Rosa e de Jorge Amado em seu processo estético de recriação do português com raízes na oralidade.

6 Entrevista realizada no dia 05 de novembro de 2012 pela TV Cultura – São Paulo no programa Roda Viva. Disponível em <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-mia-couto-05-11-2012>>. Acesso em 12 de abril de 2013.

Casa, varanda, crianças - escola, pátio, cidade: os lugares não são espaços vazios, são habitados por histórias, por humanos percursos. Por considerar que “[...] abrir as portas de um sítio requer entendimentos com os antepassados que são os únicos verdadeiros ‘donos’ de cada um dos lugares” (COUTO, 2011, p. 70), o autor relata uma experiência em suas andanças pela savana.

Quando fui recebido pelos chefes tradicionais eles quiseram saber de mim, da minha viagem. “cheguei faz três dias”, comecei por dizer. E logo o régulo me corrigiu: “Não, você só chegou agora que estamos abrindo o coração do lugar”. De outro modo, o que esse homem me dizia era que os lugares não são coisas. São entidades vivas, possuem um coração que está nas mãos daqueles que falam com as vozes do chão. (COUTO, 2011, p. 50)

Os lugares, sejam eles a casa, a escola, a rua, o pátio, para as brincadeiras são sempre espaços sagrados. “[...] Quando nasceu a agricultura, ganhamos o sentido do lugar. A partir de então, fomos dando nomes aos sítios, adocicamos o chão. Entre a paisagem e a humanidade criaram-se laços de parentesco. A terra divinizou-se, tornou-se mãe” (COUTO, 2011, p. 73). Passamos a dispor de uma raiz, de um chão perene, “de um ventre”. Nossa casa, nossa terra.

A casa é um lugar sagrado, lugar dos esconderijos primeiros. No conto *A despedideira*, a personagem principal lembra “[...] dessa primogênita primeira vez. Como se aquele momento fosse, afinal, toda minha vida. Aconteceu aqui, neste mesmo pátio em que agora o espero. Era uma tarde boa para a gente existir. O mundo cheirava a casa” (COUTO, 2009, p. 52). É nessa casa que aprendemos a falar, não apenas *negociar palavras*. “[...] Falar é outra coisa, é essa ponte sagrada em que ficamos pendentes, suspensos sobre o abismo. Falar é outra coisa, vos digo” (COUTO, 2009, p. 52).

Depois da casa, vem a rua, a aldeia, a escola. “[...] A cidade é um cordão umbilical que criamos depois de nascermos”

(COUTO, 2005, p. 150). É nelas que vivemos e aprendemos a sonhar. A escola é a segunda experiência de cidade de uma criança, a escola é também uma casa, um *oikos* ampliado, uma pequena aldeia. Cheia de línguas, de linguagens. Uma casa-escola para as crianças pequenas não pode reproduzir uma casa-moradia, mas pode compor ou oferecer às crianças uma experiência primeira de infância. A escola oferece paisagens, cenários para as crianças atuarem e viverem as suas infâncias.

O cuidado, o acolhimento das crianças pela escola não é apenas deixá-las entrar num ambiente físico. É confiar, convidar, aceitar, desafiar, observar como elas vivem os tempos de seus cotidianos, como brincam. É estar com elas. Considerar suas interações e seus sonhos. Conviver com as crianças torna possível perceber as relações que elas estabelecem – com o mundo e com os outros – e os pensamentos presentes nessas ações e relações. A função educadora dos adultos para com as crianças é potencializar a vontade e a capacidade de aprender, de criar sentidos, e juntos constituírem a realidade mundana das coisas e das relações entre as pessoas. Acolher uma criança é também acolher sua experiência de infância, suas expectativas, seus planos e suas hipóteses, seus sonhos e suas ilusões. As crianças emitem sinais importantes para os adultos. Sinais que os adultos podem aprender a ler porque permitem saber a melhor forma de agir ao apontarem como enriquecer em complexidade e amplitude as experiências das crianças (STACCIOLI, 2013).

Escutar o que dizem as crianças, estar disponível para acolher suas palavras e seus gestos, isto é, a alteridade de seus pontos de vista, é instaurar conforto, solicitude, respeito ao valorizar o realizado, não solicitar em excesso, intrusivamente, obliterando ou roubando o tempo de inventar. A vida cotidiana está permeada pela vida política nas artes do fazer, do agir, das interações lúdicas entre as pessoas e também com as coisas mundanas. Nesse sentido,

a escola tem uma função ética e política que é simultaneamente a do respeito à alteridade do outro, da formação da memória, das narrativas que significam o vivido e da transmissão da experiência, oferecendo o deleite estético. Dzobo, filósofo africano, afirma que “[...] aprender e conhecer são práticas de vida em que vamos travando relações com pessoas e ambientes e, assim, atingindo a percepção de quem somos e a que viemos” (*apud* SILVA, 2011, p. 13).

Trata-se de constituir uma relação da educação com a democracia que não pretenda, através da ênfase na preparação em conhecimentos e habilidades previamente determinadas, formar apenas sujeitos racionais, autônomos e democratas. Mas, pensar a relação entre educação e democracia como ação política, realizada no e por um coletivo, na qual as crianças possam propor inícios, fazer suas pesquisas, suas investigações num tempo e num espaço de pluralidade e de diferença (BIESTA, 2013). Para Abramovicz (2013, p. 11), o espaço público é o lugar das múltiplas experimentações, isto é, “[...] é o espaço, por excelência, da criação, em que se exercitam formas diferentes de sociabilidade, subjetividade e ação”.

Mia Couto convida o pensamento educacional a enfrentar a invisibilidade de um tempo e de um espaço que excedem nossas definições pautadas para encontrar apenas o já previsto. A tendência de educar as crianças para pré-ver, saber de antemão o que poderá perceber e ocorrer, é um modo de deter o tempo, de evitar o *imprevisível*, de reduzir qualquer aspecto não visível em uma única dimensão. A questão em jogo é reverter certezas e preconceitos educacionais frente ao que há para pensar ou o que poderíamos pensar ao também considerar a relação primal de não saber que fazer frente à imprevisibilidade do viver. “[...] Entre a escola e a vida resta-nos sermos verdadeiros e confessar aos mais jovens que nós também não sabemos e que, nós, professores e pais, também estamos a procura de respostas” (COUTO, 2011, p. 46).

Conciliar, poeticamente, espaços e tempos nos quais coexistam um ver e um não ver, um saber e um não saber, talvez possa promover o reencontro com uma educação adiada que nos situe em uma interação com o mundo como retrato de um estarmos em casa, domiciliados no mundo. Supõe compreender que a vida não se impõe, mas se *deixa estar* no viver como um estar sendo e não como um *ser* imobilizado, previamente determinado, imutável.

Tempos: narrativa e memórias

*A poesia é um modo de ler o mundo
e escrever nele um outro mundo.*

Mia Couto (2011, p. 95)

Assim como a casa é o lugar da terra – uma “casa chamada terra” – o tempo, para o autor, é um rio. Um rio que corre. “[...] Os rios que percorrem o imaginário do meu país cruzam territórios universais e desembocam na alma do mundo. E nas margens de todos esses rios há gente teimosamente inscrevendo na pedra os minúsculos sinais de esperança” (COUTO, 2011, p. 9). Esses sinais, dados pela rica oralidade africana, são prenhes de *abensoadas estórias*. Afinal, como diz o autor, “[...] as línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas ‘servem’. Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser. Outras (...) elas fazem-nos deixar de ser” (COUTO, 2011, p. 13). Foi nas regiões distantes de Moçambique que Mia Couto encontrou aqueles que, apesar de não saberem ler livros, sabem fazer a leitura de seu mundo.

Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem prenúncio das chuvas. Não sei falar com os

mortos, perdi o contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável. (COUTO, 2011, p. 15)

Porém, sublinha o autor, para entender essa diversidade africana, é preciso conhecer os sistemas de pensamento e os universos religiosos os quais, frequentemente, nem sequer têm nomes (COUTO, 2011). Seguindo os passos de Walter Benjamin (1994), Mia Couto (2011, p. 13) destaca que “[...] o mesmo processo que empobreceu o meu continente está, afinal, castrando a nossa condição comum e universal de criadores de histórias” e é preciso, com rapidez, construir uma nova atitude frente a essa situação. Uma de suas sugestões, diante da aridez instalada como condição comum, é a de recriar o necessário encantamento pelo mundo, contando outras histórias, aprendendo novas estórias, visitando outros lugares.

Visitar é uma importante tarefa dos homens africanos. Diz ele que um “[...] homem passa meses do ano prestando visitas aos vizinhos e aos familiares distantes. As visitas parecem não ter um propósito prático e definido. (...) prestar visitas é uma forma de prevenir conflitos e construir laços de harmonia que são vitais numa sociedade dispersa (...)” (COUTO, 2011, p. 70). O visitante torna-se um incendiador de caminhos, pois ele é um

(...) cartógrafo e está desenhando na paisagem a marca da sua presença. Escreve com fogo essa narrativa que é seu itinerário. Não por que tenha medo de se perder. Mas porque ele quer que a geografia venha beber na sua mão. (...) Somos, afinal, parecidos com este visitador. A diferença é que, no nosso caso, não é paisagem mas somos nós mesmos que ardemos. Consumimo-nos nesse momento em que, mesmo parados, partimos a procura do que não podemos ser.

Estamos recriando o mundo, refazendo-o a jeito de um livro da nossa infância. (...) Hoje viajamos para sermos escritos, para sermos palavras de um texto maior que é a nossa própria Vida. (COUTO, 2011, p. 77)

Contar as vidas, escrever as vidas, fazer valer cada vida. É porque “[...] as palavras nascem, mudam de rosto, envelhecem e morrem” (COUTO, 2011, p. 97), que se torna relevante lembrar sua origem, saber a história que as fez nascer, pois esse entendimento das palavras “[...] faz-nos ser mais donos de um idioma que é nosso e que não dá apenas voz ao pensamento como já é o próprio pensamento. Ao sermos donos das palavras somos mais donos da nossa existência” (COUTO, 2011, p. 97).

Em entrevista⁷, Mía Couto disse que gostava de pensar e escrever sobre seu país como alguém que conta uma história e que não pretendia ter o compromisso com a veracidade. Em *O cachimbo de Felizbento* (2012, p. 47), inicia o conto afirmando que “[...] toda a estória se quer fingir verdade. Mas a palavra é um fumo, leve de mais para se prender na vigente realidade. Toda a verdade aspira ser estória”. Tal afirmação sustenta sua intenção de escrever uma estória como se esta fosse outro modo de pensar o real. Fabular e ver o mundo sobre o ponto de vista da ficção, enquanto uma ação inventiva da linguagem capaz de refazer a realidade. Assim, o que o mobiliza enquanto escritor é o fascínio pela palavra que escapa à norma e aos códigos para produzir outros modos de sentir e perceber.

Contar histórias, narrar, produz tempo. Os contos são como missangas, “[...] a missanga todos a veem. Ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai compondo as missangas. Também é assim a voz do poeta: um fio de silêncio costurando o tempo” (COUTO, 2009). Educar crianças pequenas é afirmar com elas o tempo, fazer e viver a vida juntos. É escutar suas narrativas e com elas, em

7 Entrevista realizada no dia 05 de novembro de 2012 pela TV Cultura – São Paulo, no programa Roda Viva. Disponível em <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-mia-couto-05-11-2012>>. Acesso em 12 de abril de 2013.

um percurso didático cooperativo, tecer uma história de vida coletiva. Inscrever uma história, uma memória, escrever um texto. Fazer valer o provérbio “Eu sou os outros” como uma concepção relacional de educação.

O tempo é a variável que imprime movimento, energia, ritmo para que as crianças e os professores possam viver, com intensidade, a experiência da vida coletiva no cotidiano. É ele, o tempo, que nos oferece a dimensão de continuidade, de durabilidade, de construção de sentidos para a vida, seja ela pessoal ou coletiva. Mas é também o tempo que irrompe e, em um instante, desvenda outros caminhos, desloca, desvia, flexiona outros modos de ser, ver e fazer. O tempo é, portanto, um tema fundamental para a organização da escola infantil, pois é uma categoria política que diz respeito não somente à vida das crianças, mas à vida de seus pais e também dos seus professores. O tempo é um articulador da vida, é ele que corta, amarra ou tece a vida: individual e social. É o tempo que nos evidencia que temos um passado comum, uma memória e uma história: que é preciso compreender esse passado, mas também distanciar-se dele para não ficar aprisionado, repetindo-o. Compartilhar a experiência do passado para, assim, pensar e projetar possibilidades para o futuro (BARBOSA, 2013, p. 215).

A rica cosmogonia rural africana afirma “[...] a ideia de que a felicidade se alcança não por domínio, mas por harmonia; a ideia de um tempo circular; o sentimento de gerir o mundo em diálogo com os mortos” (COUTO, 2012, p. 103). Uma lógica temporal distinta, vinda da oralidade, da recorrência, da reafirmação. Essa lógica circular foi sendo substituída pela lógica linear da escrita que “instalou-se com absoluta hegemonia” (COUTO, 2011, p. 102). O apagamento de outras lógicas exige enfrentar o desafio de “[...] alfabetizar sem que a riqueza da oralidade fosse eliminada. O desafio seria ensinar a escrita a conversar com a oralidade” (COUTO, 2011, p. 103).

Alguns termos que hoje articulam a educação infantil reproduzem a linguagem do ensino fundamental – aula, ensino, disciplina, competência, produtividade, avaliação, classificação, antecipação, competição – e nos perguntamos se essas ideias e as ações que provocam são pertinentes na educação de crianças pequenas. A mera transposição de tais conceitos, geralmente simplificados, só convida a pensar o que já foi pensado para as crianças maiores, e que muitas vezes também não é adequado a elas. O perigo, para Mia Couto (2005, p. 17), é sermos “[...] consumidores e não produtores de pensamento”, pois pouco adiantará acelerar ou determinar resultados previamente determinados (COUTO, 2005, p. 125).

Torna-se relevante, portanto, não educar as crianças apenas para as permanências, para as respostas prontas, mas também para que aprendam a constituir transformações a partir de suas singulares histórias, suas inusitadas perguntas, seu “[...] dialeto chamado memória, numa nação chamada infância” (COUTO, 2005, p. 145). Implica investir na intenção educacional de promover “pedagogias da infância desvinculadas das imposições normativas e excludentes, propiciando um navegar múltiplo, que não se limita a uma única linguagem, a um saber e uma visão de mundo: descolonizar é preciso!” (FARIA et al, 2013b, p. 36). Afinal, “[...] o que nos faz pessoas é o modo como pensamos, como sonhamos, como somos outros. Estamos, enfim, falando de cidadania, da possibilidade de sermos únicos e irrepetíveis, da habilidade de sermos felizes” (COUTO, 2011, p. 84). Como enfatiza o autor, todos nós somos tradutores de sonhos.

Infâncias: *com*-vivências entre crianças e adultos

Nos contos de Mia Couto⁸, aparecem muitas crianças-personagens que marcam a densidade de sua reflexão sobre a infância

8 Em 2013, foi publicada pela editora Boa Companhia uma coletânea de contos do autor que trata do tema da infância cujo título é *A menina sem palavra. Histórias de Mia Couto*.

e modos de ser criança. Encontramos, em sua obra, situações recorrentes que tratam das relações intergeracionais e de uma cultura de infância a ser vivida pelas crianças que toma como referência um pensamento que balança na corda entre a tradição e a inovação, a permanência e a mudança. Na concepção do autor, a infância permanece no corpo e na alma das crianças, então adultas, pela vida afora. Nesse sentido, ele interroga a tensão que emerge da multiplicidade de experiências da infância contemporânea, problematizando as afirmativas pelo seu desaparecimento ou redimensionamento.

Que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices. Porque nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida aparece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deviam-nos fazer já graúdos, ensinados a sonhar com conta medida. Mesmo o pai passava a vida louvando a sua infância, seu tempo de maravilhas. Se foi para lhe roubar a fonte desse tempo, porque razão o deixaram beber dessa água? (COUTO, 2009, p.112)

Na obra de Mia Couto, ao referir a intensidade relacional e interativa da experiência da infância, muitos adultos aparecem como interlocutores das crianças: a mãe, o tio, o pai, o avô e até mesmo o *passarinheiro*. Esses cumprem dois papéis junto às crianças: mostrar o mundo, um mundo não apenas sustentado na realidade do cotidiano, mas também um mundo que vai além dessa realidade.

Muitas vezes, alguns adultos, especialmente os avós, são responsáveis por traduzir o comportamento das crianças, ensinar modos de compreendê-las e de educá-las. Essa tradução exige do adulto aprender a estar junto com as crianças para transmitir a necessidade do cuidado na convivência entre ambos. Nessa compreensão, Mia Couto (2013c, p. 147) pode escrever que “[...] meu pai nunca antes fora filho de ninguém. Por isso, não sabia ser avô”.

No conto denominado *o Rio das quatro luzes*, publicado em *O fio das missangas* (2009), Mia Couto relata como o avô transmite a seus filhos a ideia de que a infância requer cuidado e como, em sua alteridade, possibilita aos adultos serem algo mais que adultos.

Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse. Queria falar, a sós, com os pais da criança. E o velho deu entendimento: criança é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece – nascermos em outras vidas. E não mais falou. (COUTO, 2009, p. 113-114)

No encontro entre o velho e a criança, forma-se um nó apertado de saberes que – por sua radical alteridade – torna-se difícil definir o que um deve ao outro. Dessa aproximação entre ambos, emergem nascimentos e acontecimentos. Começamos e aprendemos como no conto *Nas águas do tempo*, do livro *Estórias Abensonhadas* (2012), no qual o autor escreve que “[...] o avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver” (COUTO, 2012, p. 9). Ver e escutar o mundo, viver o mundo.

E [o avô] lhe contou os lugares secretos de sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O menino, sem saber, se iniciava nos amplos territórios da infância. Na companhia do avô, o moço se criançaava, convertido em menino. A voz antiga era o pátio onde ele se adornava de folguedos. (COUTO, 2009, p. 113)

A experiência de infância das crianças é permeada pelas histórias narradas pelos adultos e a elas contadas e pelas vivências constituídas no dentro e no fora das casas. “[...] Uma noite eu exercia a minha infância com as miudagens, brincando às aventuras,

heróis dos mais pistoleiros filmes. Subindo os telhados, eu escapava de mortal perseguição, enganando as centenas de índios” (COUTO, 2012, p. 90). Aprender o concreto da existência é aprender a ser gente, pois ser gente não está previsto com anterioridade. Aprendemos a ser com os outros.

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmão gémeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem (COUTO, 2012, p. 14).

A infância na obra de Mia Couto é uma experiência inacabada, de final imprevisível e imprevisível.

Nasci de ninguém, fui eu que me engravidei. Meus pais negaram a herança de suas vidas. Ainda sujo dos sangues me deixaram no mundo. Não me quiseram ver transitando de bicho para menino, ranhando babas, magro até na tosse. (...) O único que tive foi Geguê, meu tio. Foi ele que olhou meu crescimento. Só a ele devo. Ninguém mais pode contar como eu fui. Geguê é o solitário guarda dessa infinita caixa onde vou buscar meus tesouros, pedaços da minha infância. (COUTO, 2013a, p. 29)

A infância, portanto, não é “[...] apenas um estado para a maturidade. É uma janela que, fechada ou aberta, permanece viva dentro de nós” (COUTO, 2011, p. 104), sempre pronta a ser reiniciada. A infância é aonde podemos buscar elementos para recomeçar, recompor modos de narrar e ficcionar, pois “[...] o que mora no meu lugar de infância é o indomesticável, aquilo que ficará para sempre ingovernável” (COUTO, 2005, p. 145). Por isso, a infância para Mia Couto (2011, p. 104) “[...] não é um tempo, não é uma idade, uma coleção de memórias. A infância é quando ainda não

é demasiado tarde. É quando estamos disponíveis para nos surpreendermos, para nos deixar encantar”.

Arte e Ciência: indissociabilidade entre saber e conhecer

*Quem está a balançar: sou eu,
é a cadeira ou é o mundo?*

Mia Couto (2012, p. 67)

A obra de Mia Couto traça um percurso de reflexões que reivindicam outra relação com os sentidos, com a *estesia* de viver no mundo, ao solicitarem outro faro para a inteligibilidade das coisas mundanas. No final do conto *O embondeiro que sonhava pássaros*, as palavras de Mia Couto fazem nosso corpo sentir suas raízes no mundo, na terra.

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabelos se figuravam pequenitas folhas. Pernas e abraços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolveram: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para suas recentes raízes (COUTO, 2013a, p. 71).

Ao apresentar a situação mágica da transformação do menino em árvore, o autor nos coloca diante da sensualidade mundana dessa transfiguração, nos coloca no movimento de também com o menino sentir a textura da casca, o ventre do emboeiro, o cheiro

das flores, o som dos pássaros, os dedos na terra minhocando, a escuta do mundo pelo menino que “[...] se enroscou, aquecido em sua própria redondura” (2013a, p. 70). Aqui, a carícia do mundo nos toca em sua verdade e beleza. “O poeta apenas reconheceu o casamento entre beleza e verdade” (COUTO, 2011, p. 60).

A experiência sensual da beleza, da sensibilidade e da alegria – a *estesia* – em seu poder de alterar nossos sentidos, promove uma percepção mais íntima e intensa das coisas mundanas, nos fazendo prestar atenção aos detalhes que nos cercam, favorecendo a experiência da cópula entre verdade e beleza. Essa atenção estética – entendida e vivida como lente de interpretação do mundo – diz respeito à inseparabilidade entre imaginação e razão e essa pode ser concebida como fundamento da integração entre corpo e mente, entre sensível e inteligível. Por seu modo relacional de acontecer não está nem no corpo nem no mundo, mas na relação entre ambos, no encontro entre humano e mundano.

Um dos princípios que nos guiam estabelece que as ciências se ocupam de verdades e não de beleza. Essa parede divisória foi muitas vezes violada. Quem ergueu esta parede divisória não saberá da aptidão para ser feliz. Em rigor, não existem “coisas” belas. Para ser bela, a “coisa” deixa de ser coisa. Passa a ser entidade viva, passa a ser parte da Vida. Porque ela só é bela enquanto produtora de sentimento de beleza. Só é bela enquanto nos fala e nos conduz secretamente para reavivar uma relação de parentesco com o Universo. (COUTO, 2011, p. 59-60)

A relação de parentesco, que reaviva e atualiza nosso encontro com as coisas e os outros, ao exigir ação compartilhada entre corpo e mundo, diz respeito tanto aos saberes sensíveis que emergem das raízes corporais quanto ao conhecimento intelectual. Se sons, cores, sabores, texturas, odores, toques, olhares, nos colocam no mundo ao serem por nós incorporados como significados, estes superam as aparências primeiras das coisas para

nelas alcançar e mostrar qualidades inesperadas e impensadas. Por provocar um excesso sensível, uma relação direta, configura um modo inteligível de adentrar nos mistérios do mundo, ou seja, de nós mesmos, pois nos anima – com ânima⁹ – a saber, a procurar, a querer desfrutar o desconhecido, em busca de seu sabor e de seu sentido para nossa existência.

Assim, ao constituir parte intensa e extensa de nossa experiência vital, desde bebês, é conservada na experimentação lúdica com o mundo. Aqui, tanto brincar quanto jogar e criar estão intimamente relacionados, pois iniciam juntos. O brincar é sempre uma experiência criadora e inventiva, uma experiência que consome um espaço e um tempo, configurando uma forma básica de viver. Essa experimentação diz respeito à criação e invenção nas artes e nas ciências. “[...] Afinal, a ciência e a arte são como margens de um mesmo rio”, pois a vida “[...] é tão extraordinária que só pode ser escrita juntando o rigor da ciência ao fulgor da arte” (COUTO, 2011, p. 60). Porém, como afirma Mia Couto (2011, p. 49-50), o pensamento ocidental foi impondo um desencanto pela mundanidade do mundo,

(...) uma constringedora aridez foi-se instalando como nossa condição comum. A culpa não é evidentemente nossa. Mas nós herdamos uma ideia de ciência que vive de costas para a necessidade de trazer leveza e construir beleza. Alguma coisa que se pretendia científica deve-se apresentar de trajes cinzentos, solenes. Para merecer credenciais científicas as nossas ações precisam de ter uma seriedade quase ascética. (COUTO, 2011, p. 50)

Esse ascetismo aponta para o modo como critérios econômicos hoje dominantes desvalorizam palavra e pensamento em nome do lucro e do consumo imediatos. Para o escritor, vivemos

9 Na etimologia latina, *anima* significa sopro, alento, alma.

um empobrecimento de nossa condição comum e universal de criadores de histórias. Porém, “[...] o que fez a espécie humana sobreviver não foi apenas a inteligência, mas a nossa capacidade de produzir diversidade. Essa diversidade está sendo negada nos dias de hoje por um sistema que escolhe apenas por razões de lucro e facilidade de sucesso” (COUTO, 2011, p. 13). A linguagem torna-se cada vez mais pragmática, séria e útil, “[...] aquela que se despiu da dimensão poética e que não carrega nenhuma utopia sobre um mundo diferente” (COUTO, 2011, p. 13).

A tendência simplificadora dos processos de escolarização contemporâneos tem como alicerce a premissa pedagógica de desconfiar da seriedade da alegria e do divertimento nos processos singulares de aprender coletivamente a sentir, fazer, dizer e mostrar. Processos complexos de aprendizagem que exigem tanto o pensamento mágico mítico quanto o pensamento conceitual, já que ambos exigem operar ações de relacionar e repetir para aprender a decifrar e interpretar sentidos na convivência. Se arte e ciência não se confundem, sendo irredutíveis uma à outra, “[...] podem e devem deitar-se na mesma cama. E quando o fizerem espero bem que dispam as velhas camisas de dormir” (COUTO, 2011, p. 60). A expectativa do autor em despir as “velhas camisas” destaca para o pensamento educacional a relevância de resistir, desde o berçário, à interdição ao lúdico configurada pela simplificação escolar da polarização entre a seriedade do útil e a alegria do inútil. No conto *A infinita fiadeira*, Mia Couto aborda essa reductora polarização.

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia-as, mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. (...) Quando ela, já transfigurada, se apresentou no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era e o que fazia?

– Faço Arte.

– Arte?

E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais-velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses pouco rentáveis produtos – chamados de obras de arte – tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece. (COUTO, 2009, p. 75)

Na sociedade tecnológica de consumo, ser poeta – instaurador de sentidos pela linguagem – significa ir contra o “real”, contra essa única narrativa posta como “realidade”, contra a tirania da visibilidade total do mundo, enfim, contra a linguagem que apenas explica, explícita e comunica, que apenas produz resultados imediatos. O poeta é o que crê – imagina – que o mundo e as coisas possam ser de outra maneira. O poeta é utópico: busca a invisibilidade das coisas, o ainda não pensado no visto, persegue uma aproximação ao enigma da existência, busca o onírico para pensar como o faz Estrelinho, no conto *O cego Estrelinho*.

O cego, curioso, queria saber de tudo. (...) Gigitinho, porém, o que descrevia era o que não havia. O mundo que ele minuciava eram fantasias e rendilhados. A imaginação do guia era mais profícua que papeira.

– Que maravilhação esse mundo. Me conte tudo, Gigito!

Foi no mês de dezembro que levaram Gigito. Lhe tiraram do mundo para por na guerra: obrigavam os serviços militares. (...)

– Sou irmã de Gigito. Me chamo Infelizmina.

Desde então a menina passou a conduzir o cego. Fazia-o com descrição e silêncios. E era como se Estrelinho, por segunda vez, perdesse a visão. Por que a miúda não tinha nenhuma sabedoria de inventar. Ela descrevia os tintins da paisagem, com senso e realidade. Aquele mundo a que

o cego se habituara agora se desiluminava. (COUTO, 2012, p. 21-24)

Reivindicar com Mia Couto o poder poético da arte, a dimensão ficcional das narrativas, enquanto amálgama existencial das interações, é reivindicar o poder inventivo das narrativas na convivência mundana. “[...] A transgressão poética é o único modo de escaparmos à ditadura da realidade. Sabendo que a realidade é uma espécie de recinto prisional fechado com a chave da razão e a porta do bom senso” (COUTO, 2011, p. 111). Trata-se, para o escritor, de “[...] nos opormos a esse fado de estarmos condenados a uma única e previsível narrativa” (COUTO, 2011, p. 190), de “[...] resistir para não ficarmos aprisionados numa memória simplificada que é o retrato que outros fizeram de nós” (COUTO, 2011, p. 190).

Tal reivindicação incomoda hoje. Porém, nunca tivemos tanta necessidade de experiências poéticas. “[...] A poesia é um modo de ler o mundo e escrever nele um outro mundo” (COUTO, 2011, p. 95). Falta a estesia da aposta na esperança. Nunca tivemos tanta necessidade de fecundar um pensamento complexo capaz de transformar modos de estar em linguagem.

Porém, sozinha a arte, isoladamente o poético e desencarnado o pensamento mágico mítico não garantem a fecundação desse pensamento complexo. Pelo contrário, acabam também criando um único caminho. Da mesma forma, somente a ciência não alcança a complexidade do humano. “[...] Acredito na ciência, sim, mas apenas como um dos caminhos do saber. Existem outros caminhos e quero estar disponível para os percorrer” (COUTO, 2011, p. 51).

Por isso, para Mia Couto (2011, p. 56), “[...] o que me alimenta é o diálogo, a intersecção entre os dois saberes. O que me dá prazer é percorrer como um equilibrista essa linha de fronteira entre pensamento e sensibilidade, entre inteligência e intuição, entre poesia e saber científico”. Implica a expectativa educacional de um humano plural, “[...] munido de uma língua plural. Ao lado

de um a língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça sair do mundo. De um lado, um idioma que nos crie raiz e lugar. Do outro, um idioma que nos faça ser asa e viagem” (COUTO, 2011, p. 24). A alegria dos meninos no conto *O embondeiro que sonhava pássaros* permite compreender o vínculo entre raízes e asas se intercambiando na vida de todos os dias.

Mãe, olha o homem dos passarinhos!

E os meninos inundavam as ruas. As alegrias se intercambiavam: a gritaria das aves e o chilreio das crianças. O homem puxava uma muska e harmonicava sonâmbulas melodias. O mundo inteiro se fabulava. (COUTO, 2013a, p. 63).

Ao compor uma experiência narrativa que transita pela arte e pela ciência, pelo sonho, pelo fantástico e pelo religioso, mas também pela cotidiana violência e miséria que reconhece nos povos africanos, Mia Couto nos mostra poeticamente a complexidade da vida e nos faz pensar na aliança entre o velho e o novo, entre a tradição e o contemporâneo, naquilo que permanece e naquilo que se transforma. Tanto a infância quanto a arte e a ciência contêm esse movimento da permanência na mudança porque dizem respeito à vida, à linguagem e à interação na coexistência mundana.

Considerações finais: mudanças e permanências

O que para nós permanece da leitura de Mia Couto, e que permite romper com hábitos de pensar a educação das infâncias é seu compromisso com a afirmação da singularidade em estabelecer diferenças no contexto coletivo do universal. A alteridade, como diz o autor, “[...] nasce da magia de sermos nós, sendo outros” (COUTO, 2005, p.10), pois “[...] na filosofia africana cada um é porque é os outros. Ou dito de outro modo: eu sou todos os outros” (COUTO, 2011, p. 81). Consideramos importante assinalar

que esses “outros” não se referem apenas a outras pessoas, mas também à concretude dos lugares que habitam, à escuta de seus processos sociais, suas tradições, enfim à escuta das vidas que nelas são vividas. “[...] Se os outros nos conhecerem, se escutarem a nossa voz e, sobretudo, se encontrarem nessa descoberta um motivo de prazer, só então estaremos criando esse território de diversidade e de particularidade” (COUTO, 2005, p. 155). Porém, lamenta o autor,

(...) me entristece o quanto fomos deixando de escutar. Deixamos de escutar as vozes que são diferentes, os silêncios que são diversos. E deixamos de escutar não porque nos rodeasse o silêncio. Ficamos surdos pelo excesso de palavras, ficamos autistas pelo excesso de informação. A natureza converteu-se em retórica, num emblema, num anúncio de televisão. Falamos dela, não a vivemos. A natureza, ela própria, tem que voltar a nascer. E quando voltar a nascer teremos que aceitar que a nossa natureza humana é não ter natureza nenhuma. Ou que, se calhar, fomos feitos para ter todas as naturezas. (COUTO, 2005, p. 123)

O mundo de Mia Couto agrega e integra pessoas, cultura e natureza de maneira indissociável. Para ele, “[...] as coisas não nos rodeiam, nós formamos com elas um mesmo mundo, somos coisas e gente habitando um indivisível corpo” (COUTO, 2011, p. 21). Ao refletir, tanto como escritor quanto como biólogo, diz que o contato com a savana africana o ajudou a “[...] entender outras linguagens, a fala das árvores, a fala dos que não falam. [...] serviu de ponte para outros saberes. Com ela entendi a Vida como uma história, uma narrativa perpétua que se escreve não em letras mas em vidas” (COUTO, 2005, p. 123).

Defender uma posição complexa tão aberta quanto dinâmica em relação aos saberes e aos conhecimentos não é fácil nesse mundo desencantado no qual a racionalidade ocidental imprime grande poder de sedimentação de estereótipos e imobilidade. “[...]”

Em nome da ciência esqueceram outras sabedorias” (COUTO, 2005, p. 156), convertendo um único modo de conhecer em cômoda certificação da “realidade”. Para Mia Couto (2005, p. 156), nesse esquecimento, o que perdemos foi o poder de “inquietação, arrojo e, sobretudo, perdeu-se a disponibilidade para experimentar outras vias de conhecimento”. Afirmar outros modos de saber, prenhe de africanidades, não significa defender uma posição tradicionalista do pensamento. Como diz o autor,

Há quem lute para manter vivos idiomas que estão em risco de extinção. Essa luta é absolutamente meritória e recorda nossa batalha como biólogos para salvar do desaparecimento espécies animais e plantas. Mas as línguas salvam-se se a cultura em que se inserem se mantiver dinâmica. Do mesmo modo, as espécies biológicas apenas se salvam se os seus hábitos e os processos naturais forem preservados. (...) As culturas sobrevivem enquanto se mantiverem produtivas, enquanto forem sujeito de mudança e elas próprias dialogarem e se mestiçarem com outras culturas. As línguas e as culturas fazem como as criaturas: trocam genes e inventam simbioses como respostas aos desafios do tempo e do ambiente. (COUTO, 2011, p. 15-16)

Essa é também a posição de autores como Janz (2008), que defendem que um pensamento africano não pode responder a pergunta essencialista sobre “o que é uma filosofia africana”, e assim *espacializar* o pensamento africano; é preciso deslocar essa pergunta *espacial* para uma resposta voltada para o *lugar* “[...] que se concentra em viver e criar filosofia no lugar africano” (JANZ, 2008, p. 111). Uma filosofia para criar conceitos e não apenas copiar ou reproduzir, burilar ou descobrir conceitos esquecidos.

Novos conceitos não surgem abstratamente. É apenas estando em um lugar, tanto literalmente quanto metaforicamente, que eles podem ser reconhecidos. (...) A filosofia não mais se torna uma análise “à distância” de conceitos que

surgiram separadamente em uma sociedade (...) Os filósofos, então, onde quer que se encontrem, estão tanto dentro quanto fora de seu lugar, refletindo sobre ele, mas também implicados nele (JANZ, 2008, p. 113 e seguintes).

Para Mia Couto, apreender a alteridade e a diversidade de pensamento africano em interlocução com o pensamento ocidental significa “[...] assaltar um último reduto de racismo que é a arrogância de um único saber e a incapacidade de estar disponível para filosofias que chegam das nações empobrecidas” (COUTO, 2011, p. 21). A questão é engendrar outros modos de sentir e pensar. Outros modos de conversar, pois, como afirma Gadamer (2000, p. 10), “só se pode aprender através da conversação”¹⁰.

Na tradição africana, “[...] educar-se é aprender a conduzir a construção da própria vida” (SILVA, 2011, p. 150). É viver um *lugar*, criar relações. Para o autor, “[...] tudo depende da nossa capacidade de conversarmos. E isto depende de nossa disponibilidade de dialogar com os outros. Temos apenas que estar disponíveis” (COUTO, 2005, p. 123). Nesse sentido, o encontro que educa para “tornar-se pessoa”, na perspectiva das tradições africanas negras, não depende apenas da escolarização, pois

Esse processo tem início simultaneamente na família e na comunidade, já que todos os adultos são responsáveis pela felicidade e aprendizagens de cada criança. A palavra educação não expressa propriamente as aprendizagens feitas

10 Em conferência proferida dia 19 de maio de 1999, no Dietrich-Bonhoeffer-Gymnasium de Eppelheim, no marco de um ciclo sobre o tema “A educação em crise – uma oportunidade para o futuro”, transcrita e publicada sob o título “La educación es educarse” (Barcelona, 2000), Hans-Georg Gadamer justifica porque, nos últimos decênios de vida, empregou todos os seus esforços filosóficos na afirmação de que só aprendemos através da conversação: “[...] “Existe, além disso, algo assim como um sentir para aquilo que devemos saber e para o que desejamos saber e onde somente, em último caso, no trato com o outro, no uso, que podemos nos mostrar efetivamente. É o que se necessita para poder entender-se com o outro. Com isso, estamos justamente em meio daquilo que eu considero um ponto de vista decisivo também em meu próprio mundo filosófico, a saber, que a linguagem só se realiza plenamente na conversação” (GADAMER, 2000, p. 39, tradução nossa).

antes da escola, pois na família, na comunidade, se aprende a se tornar pessoa, ou seja, a conduzir a vida, a se fortalecer para tornar a comunidade mais forte. Então, uma pessoa educada é aquela que frequentou escola, é portadora de diplomas de ensino superior, é capaz de produzir conhecimentos, mas antes de tudo respeita idosos, as outras pessoas e também o meio ambiente. Além disso constrói sabedoria quando colabora para que sua comunidade tenha vigor e veja respeitados seus valores, garantidos seus direitos. Alguém pode ter muito estudo e diplomas, mas se os usar somente em benefício próprio, não só não está conduzindo com propriedade a vida, como não conseguiu de fato se educar. (SILVA, 2011, p. 149)

Pensamos que, provavelmente, uma saída viável seja continuar o difícil e longo caminho de conquistar um lugar digno para nós, adultos e crianças, e esse “só pode resultar da nossa própria criação” e dos diálogos ou conversas que possamos empreender (COUTO, 2005, p. 22). Porém, como Mia Couto mesmo sublinha, na sociedade contemporânea “[...] nunca houve tanta estrada. E nunca nos visitamos tão pouco” (COUTO, 2011, p. 14). Nunca conversamos tão pouco. Ou seja, cada vez estamos menos disponíveis, cada vez permanecemos mais fechados ao diálogo.

Talvez, resistir à armadilha educacional de submeter as crianças – sejam bebês, bem pequenas ou maiores – à interações simplificadas no e com o mundo, à experiências culturais restritas, seja investir em promover uma inserção profunda das crianças nas formas complexas de linguagem ao lhes apresentar e alcançar modos de inventá-las. O que necessitamos, para Mia Couto (2011, p. 50), é reencantar o mundo com a linguagem. “[...] Ao lado de uma língua que nos faça ser humanidade, deve existir uma outra que nos eleve à condição de divindade” (COUTO, 2011, p. 24). Pois, é “[...] desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta” (COUTO, 2012, p. 5) que podemos nos refazer, nos reinventar.

Referências

ABRAMOVICZ, Anete. Prólogo. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDENBROECK, Michel. **Educação infantil e diferença**. Campinas: Papirus, 2013.

BARBOSA, Maria C. S. Tempo e Cotidiano: tempos para viver a infância. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 31, nº 61, nov. 2013, p. 213-222.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BOEHMER, Elleke. **Mandela**. O homem, a história e o mito. Porto Alegre: L&PM, 2013.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, Uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTO, Mia. **Pensatempos**: textos de opinião. Lisboa: Editorial Caminhos, 2005.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? e outras interinvenções**. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

COUTO, Mia. **Estórias abensoadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COUTO, Mia. **Cada homem é uma raça**. Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.

COUTO, Mia. **Vozes Anoitecidas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra**. Histórias de Mia Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2013c.

COUTO, Mia. Entrevista realizada no dia 05 de novembro de 2012 pela TV Cultura – São Paulo no programa **Roda Viva**. Disponível em <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-mia-couto-05-11-2012>>. Acesso em 12 de abr. de 2013.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MACEDO, Elina Elias de; SANTOS, Solange Estanislau dos. Educação infantil e diversidade cultural: para uma Pedagogia Macunaímica. In: ABRAMOWIZ, Anete; VANDENBROECK, Michel (Orgs.). **Educação Infantil e diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2013a, p. 49-70.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; BARREIRO, Alex; MACEDO, Elina Elias de; SANTIAGO, Flávio; SANTOS, Solange Estanislau dos. Por uma educação infantil emancipatória: infâncias, adultos e adultas descolonizadas/os. **Revista Novamérica**, Rio de Janeiro, n. 138, abr. jun./2013b, p. 35- 39.

GADAMER, Hans-Georg. **La educación es educar-se**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.

JANZ, Bruce. A filosofia como se o lugar importasse. A situação da filosofia africana. In: CAREL, Havi; GAMEZ, David. **Filosofia contemporânea em ação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RICHTER, Sandra; BARBOSA, Maria Carmen S. Entre Mia Couto e Michel Vandebroek: outra educação da infância por inventar. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDENBROECK, Michel. **Educação Infantil e diferença**. Campinas: Papirus, 2013.

SILVA, Petronilha B. G. e. **Entre Brasil e África**: construindo conhecimento e militância. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

STACCIOLI, Gianfranco. **Diário do acolhimento na escola da infância**. Campinas: Autores Associados, 2013.

Enviado em: 19/08/2014. Aprovado em: 10/11/2014